

MÚSICA FOLCLÓRICA E INDÚSTRIA FONOGRÁFICA NO BRASIL DO SÉCULO XX: UM BREVE PANORAMA

Mariana da Paixão Leme ¹

Lucas Correia Meneguette ²

^{1,2} Faculdade de Tecnologia de Tatuí “Prof. Wilson R. R. de Camargo”

mariana.leme@fatec.sp.gov.br ¹; lucas.meneguette@fatec.sp.gov.br ²

1. Introdução

No início do século XX, com a emergência da rádio, do cinema e dos discos musicais, surge uma indústria cultural massificada como produto e produtora do capitalismo. O universo musical, antes difuso nas manifestações populares, começa a se transfigurar, adquirindo novas capacidades até então intransponíveis, tais como a reproduzibilidade técnica, a cópia idêntica, a materialização em exemplar físico. Frente às mudanças de paradigmas ocorridas nessa “Era dos Extremos”, advindas do avanço tecnológico, da hegemonia norte-americana, da progressiva globalização, houve, em contrapartida, uma resposta promovida por defensores das culturas locais e tradicionais. Aos poucos, foi sendo consolidada uma ideia daquilo que seria o oposto ao imperialismo cultural – o folclore. Nesse contexto, este trabalho pretende investigar como as pesquisas folcloristas foram introduzidas à produção fonográfica no Brasil, com o objetivo de traçar um breve panorama entre a indústria fonográfica brasileira do século XX e a música folclórica brasileira, e de compreender alguns limites entre preservação, apropriação e transformação cultural.

2. Metodologia

A pesquisa utilizou levantamento de dados textuais e bibliográficos acerca da indústria cultural [1] e da pesquisa folclorista [2,3,4], por meio de artigos, dissertações, teses e livros. Também buscou identificar as principais produções fonográficas, selos e gravadoras envolvidas na música folclorista, por meio de audição de discos e visita ao acervo da Discoteca Pública Municipal de São Paulo. Também foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o grupo Coco Raízes de Arcoverde.

3. Resultados e Discussões

O folclore, como ciência social, foi estabelecido no país a partir do I Congresso Brasileiro de Folclore, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1951. No entanto, missões folcloristas já ocorriam há mais de duas décadas, tendo como expoente Mário de Andrade, que deixou como acervo mais de 21,5 mil registros [2]. No texto *O Fonógrafo*, de 1928, Andrade já compreendia o “valor científico do disco”, defendendo “fixar o infixável por meios mecânicos” [3]. Essa visão sobre a preservação da cultura popular existente nos rincões do país inspirou, na década de 1970, a criação do selo independente Discos Marcus Pereira [4]. Dentre suas principais coletâneas de músicas regionais, destacam-se a *Música Popular do Nordeste* (1973), do *Centro-Oeste e Sudeste* (1974), do *Sul* (1975) e do *Norte* (1976), cada uma com quatro volumes. O

selo também produziu gravações da *História das Escolas de Samba*, incluindo as edições *Salgueiro*, *Mangueira*, *Império* (todas de 1974) e *Portela* (1975) – além de ter sido responsável por promover a primeira gravação de Cartola, já com 66 anos de idade.

Para compreender um pouco da dinâmica entre indústria cultural e tradições culturais na atualidade, foi realizada uma entrevista com o grupo popular Coco Raízes de Arcoverde, fundado em Pernambuco em 1992 pelo Mestre Lula Calixto. O principal resultado das conversas foi a compreensão de que a indústria cultural, por um lado, impacta nas práticas, nas manifestações e nos significados das expressões populares, mas, por outro, ajuda a difundir as tradições e a gerar reconhecimento ao trabalho dos músicos. Nesse sentido, poder-se-ia questionar se ainda é possível uma prática folclorista como aquela indicada por Mário de Andrade, uma vez que as relações entre indústria e tradição são complexas, difusas e dinâmicas. Assim, a indústria cultural foi analisada nesta pesquisa a fim de compreender como músicas populares incluídas no conceito de folclore foram sendo apropriadas de algum modo pela indústria fonográfica, transformando-as em nicho de mercado.

4. Conclusões

A pesquisa surgiu da inquietação sobre a relação entre músicas tradicionais e de grupos populares no Brasil do século XX e a então recém-chegada indústria fonográfica. Procurou-se trazer essa inquietação para discussões junto ao curso de Produção Fonográfica da Fatec Tatuí. Assim, acredita-se que este trabalho organiza um embasamento teórico para futuras pesquisas. Além disso, importantes experiências foram proporcionadas, como a gravação de um álbum musical e de um documentário com o grupo Coco Raízes de Arcoverde, que ficará registrada como parte da história da cultura popular no país.

Referências

- [1] ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Eds., 1985.
- [2] ANDRADE, M. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Martins, 1972.
- [3] **Missão de Pesquisas Folclóricas**. Música tradicional do Norte e Nordeste (1938). In: TONI, F. C. **Missão: as pesquisas folclóricas**. São Paulo: SESC, 2006.
- [4] MAGOSSY, José Eduardo Gonçalves. **O folclore na indústria fonográfica: A trajetória da Discos Marcus Pereira**. 2013. 195 f. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais). São Paulo: USP, 2013.